

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE IDOSOS E CONDIÇÕES DE VIDA NO MEIO RURAL *SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE ELDERLY AND LIVING CONDITIONS IN THE RURAL AREA*

Silvia Virginia Coutinho Areosa¹, Cristiane Davina Redin Freitas²

¹ Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pósgraduação Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da UNISC. - sareosa@unisc.br

² Departamento de Psicologia UNISC

Recebido em 30 de Setembro de 2018; Aceito em 03 de Dezembro de 2018.

Resumo

O objetivo deste artigo foi investigar as representações sociais sobre a velhice e os modos de vida que marcam as trajetórias de idosos no meio rural. O estudo qualitativo foi realizado através de entrevistas com 20 pessoas entre 60 e 92 anos, de ambos sexos, em sete distritos rurais no interior do Rio Grande do Sul e teve a Teoria das Representações Sociais como arcabouço teórico para compreensão da temática. Os dados foram analisados de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (2004) que pressupõe alguns passos: 1. Transcrição das entrevistas com o intuito de transformá-las em texto; 2. Preparação das informações obtidas; 3. Codificação em unidades de registro; 4. Categorização; 5. Interpretação. Os resultados obtidos revelaram três grandes categorias de análise: vida no meio rural e suas peculiaridades; envelhecer no meio rural e a percepção do envelhecimento. De forma geral, os resultados demonstraram que o contexto onde vivem os idosos interfere consideravelmente na forma como elaboram suas representações sociais e nos significados que compartilham entre si. A compreensão sobre o processo de envelhecimento é positiva para a maioria dos entrevistados que avaliam o mesmo como algo natural e associam o fato de envelhecer no campo com a possibilidade de espaços de lazer e socialização. Neste sentido, os participantes em sua maioria consideram ter uma vida tranquila e confortável no meio rural.

Palavras-chave: Representações Sociais. Velhice. Meio Rural.

Abstract

The objective of this article was to investigate the social representations about old age and the ways of life that mark the trajectories of the elderly in rural areas. This was a qualitative study conducted through interviews with 20 people between 60 and 92 years old, of both sexes, in seven rural districts in the interior of Rio Grande do Sul using the Theory of Social Representations as a theoretical basis for understanding the subject. The analyzed data were, according to the Bardin Content Analysis (2004) which implicate some steps: 1. Transcription of the interviews with the intention of transforming them into text; 2. Preparation of the information obtained; 3. Codification in registration units; 4. Categorization; 5. Interpretation. The results revealed three main categories of analysis: rural life and its peculiarities; aging in rural areas and the perception of aging. Overall, the results demonstrated that the context in which the elderly live influence considerably in the way they elaborate their social representations and the meanings they share. The understanding of the aging process is positive for most interviewees who evaluate aging as something natural and associate the fact of aging in the field with the possibility of time for leisure and socialization. In this sense, the participants consider having quieter and comfortable life in the countryside.

Keywords: Social Representations. Old Age. Rural Area.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observamos muitos debates sobre juventude rural, mas pouco se discutiu sobre a temática do envelhecimento nesse meio. Provavelmente, essa questão ainda é permeada pela ilusão de que o Brasil é um país de jovens. Todavia, as projeções mais amplas do Censo do IBGE indicam que se hoje temos 10% da população brasileira com idade acima de 65 anos, em 2024 esse percentual será o dobro – 20%.

O meio rural também apresenta um percentual de crescimento no número de idosos, sendo que, no ano de 2000 havia 20.654 pessoas com mais de 60 anos na região, representando 5,2% da população total do Vale do Rio Pardo (397.089 habitantes). Já em 2010, essa população idosa rural subiu para 24.448 habitantes, representando 5,84% da população total da região (418.141 habitantes). (IBGE, 2010).

Em decorrência do crescimento populacional dos idosos, deve-se pensar em possíveis transformações acerca da percepção do que é ser idoso e de como se dá o envelhecimento. Ao longo dos anos, a construção social do significado de ser idoso foi pautada pela ideia de incapacidade, dependência, doenças e perdas. No entanto, através do aumento da expectativa de vida, essa concepção, aos poucos, está se alterando. Sabe-se que o envelhecimento não se dá de forma homogênea para todos os povos, tampouco para os indivíduos. Inter-relacionados, fatores estruturais de desenvolvimento de um país e ainda fatores pessoais (genética, condições psicossociais, modo de vida) determinam o processo de envelhecimento e condicionam seu conceito. (CORTELETTI; CASARA; HERÉDIA, 2010 p. 17-18).

Portanto, o envelhecimento é compreendido como um processo decorrente do ciclo vital, em que ocorrem mudanças físicas, biológicas, psicológicas e sociais. Contudo, ele também é um processo singular e individual, sendo experienciado de diferentes maneiras, uma vez que, [...] “cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a ela relacionados, como saúde, educação e condições econômicas”. (MINAYO; COIMBRA JR., 2002, p. 14).

Daniel, Antunes e Amaral (2015) ao realizarem uma pesquisa com uma amostra de idosos e cuidadores formais, constataram que os conceitos mais evocados pelos profissionais quando questionados sobre o que lhes fazia lembrar a velhice, foram respectivamente: “solidão”, “doença” e “plenitude de vida”. Já os idosos referiram as palavras “solidão”, “doença”, “dependência” e “morte”. Em relação a estes dados, os pesquisadores afirmam que a velhice ainda é associada a características, conceitos e significações negativas, que estão cristalizadas no tempo.

Deste modo, se faz necessário discutir as características do idoso rural na sociedade contemporânea, pois estas são distintas daqueles que vivem em centros urbanos. Tavares et al. (2013) afirmam que o processo de envelhecer das populações urbanas e rural tem muitas semelhanças, no entanto, na área rural pode-se encontrar algumas dificuldades significativas como: pobreza, isolamento social, baixa escolaridade e habitações mais precárias, restrição do acesso ao transporte e distância dos recursos sociais e de saúde.

Para entender os sentidos e significados que permeiam o envelhecimento, é preciso investigar com os próprios idosos, suas ideias e percepções sobre essa vivência. Utiliza-se a Teoria das Representações Sociais, pois ela pode auxiliar na compreensão desses significados. As representações sociais são resultado do processo de socialização, de forma que estão estreitamente relacionadas à identidade coletiva. A partir deste entendimento, o fazer, pensar e sentir das pessoas não depende apenas da sua vontade individual, mas são também estabelecidos pela sociedade. As representações existem e permanecem para além dos indivíduos, construindo simbologias que são partilhadas por membros de um mesmo espaço e contexto.

Na medida em que o idoso se constitui em um agente social dotado de um habitus torna-se também um indivíduo coletivo cujas preferências passam a serem produtos de sua história coletiva e individual. Infere-se, portanto, que a permanência na atividade agrícola não está relacionada apenas à necessidade financeira ou subsistência, mas à própria valorização do idoso frente à velhice e ao ambiente familiar. (MACIEL, 2015, p. 67).

A Teoria das Representações Sociais oferece subsídios para tanto, pois possibilita a apreensão de conceitos e discursos produzidos no cotidiano, nas relações e comunicações sociais. Além disso, as representações sociais são partilhadas por pessoas que se identificam e possuem relações comunitárias entre si. (MOSCOVICI, 2003; JOVCHELOVITCH, 2008).

O idoso que vive no meio rural, a partir do seu sentimento de identidade ligado ao local onde vive, ao território que habita, vai poder significar e esclarecer como é envelhecer no campo. A visão desta fase da vida como improdutiva ou incapacitante possui significados diferenciados para quem extrai da terra o seu sustento (TAVARES *et al.*, 2013). Ao conhecer as representações sociais dos idosos rurais e seus estilos de vida, poderemos verificar a interferência do contexto onde vivem e constroem essas significações.

Este artigo propõe-se a fazer a referida discussão através de três tópicos após essa breve introdução e a metodologia do estudo. Primeiro, será apresentado como é a vida no meio rural e suas peculiaridades na visão de pessoas com mais de 60 anos. Em segundo lugar, serão discutidos os modos de encarar a velhice e o envelhecimento no campo, dando destaque aos modos de vida no contexto rural. Em terceiro lugar, será abordada a questão do envelhecer, sem a ligação ao meio rural, momento em que aparecem as características específicas dessa etapa de vida. Permeia essas discussões a Teoria das Representações Sociais que embasa o estudo e que ajudará compreender os significados e concepções dos idosos sobre o envelhecer no meio rural. E, por fim, seguem breves considerações finais sobre a temática.

METODOLOGIA

Este é um estudo qualitativo, de caráter exploratório-descritivo, que teve como foco de análise as representações sociais de velhice de idosos residentes no meio rural do município de Santa Cruz do Sul/RS. A entrevista qualitativa possibilita perceber a realidade construída pelos sujeitos de pesquisa em sua vida cotidiana e a relação com o mundo social. Nos dizeres de Bauer e Gaskell (2005, p.65): “É uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos”. A finalidade da pesquisa qualitativa é investigar a variedade de opiniões e representações sobre um determinado assunto.

As representações sociais são maneiras de apreender a realidade e dar significado às vivências do cotidiano. Elas se apresentam como fenômenos qualitativos pois englobam valores, ideologias, crenças e conjuntos de saberes. As pessoas no seu cotidiano, ao pensarem e falarem sobre os outros, as coisas e o mundo, o fazem a partir de suas compreensões dessas realidades que estão sempre permeadas por valores, hábitos culturais, emoções e práticas de vários tipos.

Quanto aos participantes, os idosos foram contatados através dos grupos de terceira idade ou através das Estratégias de Saúde da Família dos sete distritos rurais do município de Santa Cruz do Sul (Alto Paredão, Saraiva, São Martinho, Rio Pardinho, Boa Vista, Monte Alverne e São José da Reserva), onde não havia grupos específicos para essa população. O instrumento de pesquisa escolhido foi uma entrevista semi-estruturada aplicado após a explicação da mesma e apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo segue as normas estabelecidas na Resolução CNS 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e

obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) sob parecer nº 2.002.578.

Foram realizadas em 2018 entrevistas com 20 idosos respeitando o gênero dos participantes (10 mulheres e 10 homens). As mesmas ocorreram na residência do idoso ou na Estratégia de Saúde da Família, conforme sua escolha. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas e os participantes não foram identificados em nenhuma das fases do estudo, que possui caráter de participação voluntária. Foram utilizados como critérios de inclusão possuir idade igual ou superior a 60 anos; residir em um dos sete distritos rurais do município de Santa Cruz do Sul e querer participar espontaneamente da pesquisa. O roteiro de entrevista foi composto por 15 questões que investigaram os significados da vida no meio rural, do envelhecimento, do envelhecimento no meio rural, do trabalho, do lazer, das relações sociais, da preparação para o envelhecimento, entre outras. Para este artigo, foram utilizados os dados obtidos a partir das primeiras questões do roteiro. Importante ressaltar que, como o objetivo central da realização do artigo é apresentar os significados do envelhecimento no meio rural, as variáveis como sexo, idade, renda, bem como, o fato de serem atendidos por Estratégias da Saúde da Família não foram analisados paralelamente à finalidade desse estudo.

A análise dos dados foi desenvolvida de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (2004). Este método, possibilita descrever e interpretar conteúdos provindos das entrevistas (MORAES, 1999). A Análise de Conteúdo permite uma compreensão mais profunda dos significados contidos nos dados coletados, num nível além da leitura comum, tocando na subjetividade do sujeito em questão e abrangendo o conhecimento de aspectos e fenômenos sociais não conhecidos anteriormente.

Este tipo de análise propõe alguns passos para o tratamento dos dados (BARDIN, 2004):

1. Transcrição das entrevistas com o intuito de transformá-las em texto;

2. Preparação: As informações obtidas através do texto, construído a partir da transcrição das entrevistas, são submetidas a um processo de preparação, que se inicia com a leitura de todos os dados. Posteriormente, são decididos quais os dados que melhor nos fornecem as representações sociais, surgidas a partir da fala das participantes.

3. Codificação: Com os dados preparados, inicia-se o processo de unitarização que consiste em transformar os dados escolhidos (representações) em unidades de registro (codificação). As unidades de registro são os segmentos do conteúdo, com significados semelhantes, que serão, posteriormente, categorizados. “A escolha das unidades de registro deve responder de maneira pertinente às características do material e aos objetivos da análise” (BARDIN, 2004, p. 104). As unidades de registro são empregadas a nível temático, ou seja, tem como base os temas surgidos referentes às motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças – representações sociais - obtidas através das entrevistas. As unidades podem ser separadas por palavras, frases ou pelos próprios temas.

4. Categorização: É a classificação das unidades de registro. Consiste num agrupamento das representações comuns aos participantes. Pode ser por semelhança ou analogia, baseados em critérios pré-estabelecidos. Nesta pesquisa, os critérios foram os de natureza semântica, que deu origem às categorias temáticas. Esta escolha teve como alicerces a definição do problema de pesquisa, os objetivos e elementos usados na Análise de Conteúdo. Bardin (2004, p. 118), ao explicar o processo de categorização, diz: “Classificar os elementos em categorias, impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles”. O ato de classificar impõe certa organização aos dados da pesquisa. Também, foi realizado um mapeamento das categorias, na tentativa de fazer uma construção articulada das possíveis representações sociais.

5. Interpretação: Pode ser definida como uma procura de compreensão mais profunda dos conteúdos das representações sociais surgidas através das entrevistas realizadas. Ela implica um movimento novo de pensamento, uma construção criativa de possíveis significados. A interpretação transcende à categorização dos dados. Conforme Thompson, (2002, p. 376) “Os dados representam algo, dizem alguma coisa sobre algo. É esse o caráter transcendente que deve ser compreendido pelo processo de interpretação”. A interpretação também é a possibilidade do entrevistador re-interpretar o recorte do real pré-interpretado pelos participantes da pesquisa. Por isso o processo de interpretação é simultaneamente um processo de reinterpretação. A reinterpretação também nos dá margem para compreender e discutir as intenções de um outro que é diferente.

Compreender as relações, relação homem campo, relação trabalho homem campo, compreendidas enquanto continuum, são um ganho conforme refere Sposito (2006), quando afirma que há necessidade de se ultrapassar a visão dicotômica construída historicamente entre cidade-campo. Trata-se de analisar as relações econômicas, sociais e culturais, em cada espaço-tempo e como estas orientam e dão sentido à vida no território buscando as articulações possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Envelhecer no meio rural

A pesquisa realizada buscou compreender os modos de vida da população idosa no meio rural e a sua construção de significados a respeito da vivência do envelhecimento nesse meio. Participaram do estudo 20 idosos de sete distritos rurais da região de Santa Cruz do Sul. Da análise das entrevistas surgiram três categorias que representam o foco principal dos dados coletados. A primeira, diz respeito à vida no meio rural e suas peculiaridades; a segunda se refere ao envelhecer no meio rural e a terceira aborda a questão do envelhecimento de um modo geral. Acredita-se ser necessário discutir as transformações neste contexto pois, as características do idoso rural na sociedade contemporânea se distinguem daquelas nas quais essa população apenas possuía como fonte de subsistência a sua própria produção agrícola.

No passado, a área rural era extensa, grande parte das pessoas morava no campo e mantinha seu sustento através do próprio trabalho, plantando seu alimento. O processo de industrialização alterou esse cenário, gerando a migração da população para a zona urbana. As consequências desse fato são enfatizadas pelos autores Delgado e Cardoso Júnior (2004 apud ALCÂNTARA; CAMARANO; GIACOMIN, 2016, p. 324): “esse processo migratório refletiu de sobremaneira no mundo rural, especialmente no aspecto econômico, em face do aumento da pobreza e da exclusão social [...]”.

Mesmo sendo reestruturadas as características do meio rural em consonância com as mudanças sociais, elas ainda apontam para uma demarcação negativa entre o que é urbano e o que é rural, colocando a vida no campo numa perspectiva de atraso em relação às grandes cidades (BALSADI, 2001). Para que essa ideia seja desconstruída entende-se que, somente os sujeitos que vivem no meio rural podem esclarecer corretamente o que esse contexto significa para eles. Isso, porque essas pessoas possuem uma identificação e sentimento de pertencimento com esse espaço e a partir dele podem construir, através da atividade simbólica, suas representações sociais.

Assim, inicia-se com a categoria referente à vida no meio rural, construída a partir das questões que abordavam como os idosos se sentiam vivendo naquele local e o porquê. Percebeu-se, a partir de algumas falas, que há uma valorização da vida no campo:

eu gosto! Gosto de envelhecer aqui! A gente tem vários prazeres, mais saúde, então, acho que a gente vive melhor aqui! Eu me sinto muito bem, não gosto de cidade! Porque a gente vai na lavoura, vai na casa das vizinhas toma um chimarrão! Na cidade não tem isso! (Z-AP).¹

Aí arrumei o pátio aqui e fiquei na colônia, porque eu gosto da colônia, eu disse “daqui só saio pro cemitério”. Agora resolvi por causa do lugar, é bonito, a gente tá gostando e se sente bem. (E-MA).

Aqui não tem confusão de trânsito na hora do pique e aqui é uma tranquilidade e está perto de todo setor, não falta nada aqui, tem supermercado, tem farmácia aqui na frente, tem tudo certinho aqui, apesar de ser considerado rural. (D-RP).

Essas falas podem ser consideradas representações, porque revelam que a realidade construída por esses idosos é partilhada. Quando abordam o meio rural como um lugar bom para viver demonstram que sua atividade simbólica está ligada às experiências mútuas de uma realidade comum. (JOVCHELOVITCH, 2008). Neste sentido, verifica-se através de suas representações, que a percepção de uma vida tranquila e de comodidade no meio rural é caracterizada por quase todos os idosos entrevistados.

Também, as experiências comuns de plantar, comer o que se planta e o que se cria, além de viver em lugar calmo, sem barulho e trânsito é percebido pelo grupo de idosos como qualidade de vida que gera saúde. Os participantes revelam que estes são os principais motivos para permanecer no campo. Desse modo, o sentido da velhice no meio rural é considerado um privilégio pela calma do campo e proximidade de familiares. Essas representações em torno do espaço rural demonstram um sentimento de pertença ao seu contexto, como observa-se nas falas abaixo:

Ah eu acho assim, a gente sente bem né, porque é calmo, assim, não tem barulho muito, e aí tu parece que o ar puro, ainda mais nós aqui, nós temos ali o mato, a gente se sente bem. (D-SJR).

Eu acho que tá bom porque, o que que a gente vai fazer aqui né, é mais sossegado, a gente faz o que quer, o que não quer não faz, a minha irmã as vezes fala de sair daqui e ir embora pra cidade mas eu não quero sair daqui. (T-SJR).

Alcântara, Camarano e Giacomini (2016) afirmam que, mesmo com o surgimento das novas tecnologias, as características primordiais da vida no campo permaneceram, como a agricultura e a manutenção das hortas. Os aparelhos eletrônicos como telefones e televisores foram incorporados por essa população, mas não superaram o que os idosos consideram como qualidade de vida: a tranquilidade e o contato com a natureza.

Os idosos rurais, também revelam em suas falas certa dinamicidade que a vida no campo os possibilita, como trabalhar nas plantações de suas propriedades e participar das atividades na comunidade. Através das seguintes falas, verificamos que, mesmo em idade avançada, os idosos se mantêm atuantes:

1 As siglas ao final de cada fala representam a inicial do nome do participante e, logo após o hífen, as iniciais dos distritos rurais em que vivem.

No mais eu me sinto aqui com 64 anos, gosto de dançar, faço minha horta, tenho minhas comidinhas, muito melhor aquilo que tu pode plantar...é mais saudável! Tudo que tu colhe é mais saudável! Eu me sinto assim, que eu não tenho medo de envelhecer! (S-AP).

eu me sinto muito bem. [...] mas tem que trabalhar ainda, pelo menos plantar pra comida... fica melhor porque não tem tanto veneno... e eu me sinto muito feliz, mesmo assim sofrendo muito, mas não é só eu que sofro de saúde, mas vou levando assim a vida. (E-MA).

Eu morei aqui a vida inteira! Gosto daqui, já falei que aqui é tranquilo, podemos dizer que estamos no paraíso! [...]. Faço minhas coisas, planto minhas verduras, a gente nem vê que está envelhecendo...(risos)...(D-RP).

O fato de produzir seu próprio alimento é um incentivo para os idosos rurais considerarem a vida no campo como um lugar ideal para envelhecer. Ao plantar o que consomem, sabem o que estão comendo, o que conseqüentemente traz melhor qualidade de vida e um envelhecimento mais saudável. Observa-se aqui o fenômeno da objetivação, definido por Moscovici (2003) como a tentativa de transformar o que está no imaginário em algo quase concreto, ou seja, materializar o que está na mente no mundo físico. Assim, quando dizem que o ato de plantar representa o que há de bom na vida do campo, os idosos corporificam suas representações sociais nessa atividade.

Além disso, por se tratar de ambiente rural, as atividades cotidianas e rotineiras de trabalho próprias desse meio tornam os idosos mais ativos que outros, devido a manutenção dessas atividades ligadas ao campo. Portanto, os trabalhos do meio rural como agropecuária, plantio e colheita, o cuidado com os animais e as atividades domésticas podem ser considerados benéficos do ponto de vista da prática de atividade física. (PEDREIRA et al, 2016).

Focchesatto, Rockett e Perry (2015) concordam com o aspecto de que, os idosos que vivem no campo apresentam um baixo sedentarismo, mesmo não praticando atividades físicas. O vigor demonstrado por esses indivíduos está relacionado pelo envolvimento em trabalhos diários desenvolvidos no meio rural.

Assim, os significados sobre o envelhecimento no meio rural, diferem dos idosos no meio urbano, porque estão diretamente ligados às condições e ao contexto em que vivem esses indivíduos (WINCKLER; BOUFLEUER; FERRETTI; DE SÁ, 2016). Os mesmos, atribuem sentido à sua realidade, através de suas representações sociais, que descrevem o seu modo de vida no campo e o reconhecimento de sua capacidade para o trabalho, mesmo em idade avançada. Desse modo, as representações sociais construídas são subjetivas e refletem a avaliação individual, que também é reconhecida pelos seus pares, amigos e vizinhos, ou seja, elas são compartilhadas. Nesse campo simbólico em que são construídas as representações, identificamos suas compreensões sobre a saúde, família, rede de amigos, moradia, uso do tempo e outros importantes domínios da vida, que neste estudo estão relacionados às suas vivências no meio rural. (DIOGO; NERI; CACHIONI, 2009).

Quando o processo do envelhecimento é abordado de maneira específica e não relacionado ao campo, algumas falas destacam questões positivas desse momento da vida, que é significado com otimismo, como mostram as falas:

Eu acho que ficar idoso é uma coisa boa! Eu sei dizer que eu tenho o prazer de ficar idosa. A gente trabalhou muito, plantou muito fumo! (Z-AP).

ah idoso é uma coisa bonita, assim é sinal que a pessoa chegou até lá, né! o idoso tem os bailes de idosos, a gente participa [...] eu gosto! Me diverti com idosos lá, idoso pra mim é a palavra mais bonita, ser um idoso mais com saúde, né! (S-AP).

eu acho muito gostoso, eu gosto demais, a gente tem encontro de idoso e eu me sinto feliz porque a gente tem uma família muito unida, e isso é muito importante. (E-MA).

idoso é poder envelhecer com qualidade de vida! Isso porque a gente se cuidou a vida inteira. (D-RP).

Observa-se que ser idoso é reconhecido pelos participantes como uma etapa da vida inevitável, mas que traz coisas boas, como a diminuição do trabalho na agricultura e a convivência com familiares, além da possibilidade de desfrutar de maiores momentos de lazer. A vivência partilhada dos idosos com outros idosos, familiares e vizinhos possibilita compreender como suas representações que se materializam na vida social. (JOVCHELOVITCH, 2008). Nota-se, a partir das concepções trazidas pelos idosos em relação ao envelhecimento que há aqui um processo representacional definido como ancoragem. A ancoragem parte do pressuposto que as representações sociais construídas através da interação entre as pessoas, têm como objetivo tornar o não familiar, o desconhecido em algo familiar. Ou seja, os fenômenos estranhos, são ancorados em ideias já conhecidas, tornando a situação nova mais aceitável e cômoda (MOSCOVICI, 2003). Na categoria abordada, o envelhecimento pode ser considerado o estranho, o não conhecido. Assim, os idosos criam um campo representacional em que o fenômeno estranho – envelhecimento - dentro de um contexto conhecido e considerado bom – meio rural - também deve ser algo positivo.

Contudo, a compreensão otimista do envelhecimento no campo, revela uma outra face. Esta etapa também denota dificuldades em trabalhar do mesmo modo que se fazia anteriormente. Os principais empecilhos destacados pelos idosos são em relação ao corpo, herança dos trabalhos pesados na agricultura. Esses aspectos podem ser observados nas falas abaixo:

Vai ficando mais difícil. Nem a enxada a gente pode pegar porque não tem mais força. (N - AP).

Depois dos cinquenta anos cada ano a gente vai, parece que meio parando. Não tem mais aquela força, daí depois eu já fiz sessenta, aí hoje eu não faço nem a metade do que eu fazia quando eu era nova. (T-SJR).
Olha, agora a gente vai fazer uma coisa e já fica mais cansado, antes eu não sentia isso! Eu faço tudo que tem que fazer, mas é que tem que fazer devagar, né, mas, eu tenho minhas hortas, tudo... (Z-AP).

Ah sim, já complica, a gente já não rende mais tanto sabe, aí tem que hã pra limpar a casa, depois a gente já ganha dor nas costas, dor nos braços né, eu vou fazendo. (D-SJR).

Ah, representa o que, o cara tá ficando véio, e indo pro lado do fim, não tem mais como o cara trabalhar, eu acho que é isso aí. (G-SJR).

A tendência dos idosos que vivem no campo, costuma ser trabalhar até chegar a idades avançadas. Esse aspecto é justificado porque o trabalho no meio rural significa uma tradição e, o fato de ter que deixar de trabalhar, ainda que nas pequenas tarefas do ambiente doméstico, no trato dos animais e no cultivo de hortas pode significar para essas pessoas desgraça e decadência. (MORAIS; RODRIGUES; GERHARDT, 2008).

Através das falas, pode-se observar que as dores no corpo relatadas pelos idosos, influencia consideravelmente na percepção sobre seu rendimento em relação à continuidade do trabalho no campo e assim a

percepção da idade. O enfraquecimento do corpo nessa etapa da vida, traz maior comprometimento funcional, o que acarreta em dificuldades de desempenhar as atividades da vida diária. A deterioração física, que é uma das marcas do envelhecimento do corpo, se torna um obstáculo para o sentimento de pertencimento desses indivíduos ao território rural, considerando que as dificuldades resultantes desse processo surgem como empecilho à permanência no trabalho e podem ocasionar a inatividade. (PEDREIRA *et al.*, 2016). Nesse sentido, o trabalho se apresenta para estes sujeitos enquanto identidade e a impossibilidade de executá-lo acarreta no rompimento com os sentimentos de inserção, pertencimento e integração ao meio social. (ALCÂNTARA, 2016).

Observa-se que, mesmo aqueles idosos que deixaram o meio rural quando aposentados mantêm essa relação de identidade com o trabalho, dando continuidade na cidade a certos hábitos do campo, como o cultivo de horta em casa, por exemplo. Ainda que no meio urbano não haja necessidade de um plantio para a subsistência, os idosos não deixam de cultivar em razão do hábito adquirido por toda uma vida na roça. (MACIEL, 2015).

A percepção de um corpo envelhecido e enfraquecido remete à uma reflexão sobre as dificuldades que a idade avançada traz consigo. É clara a percepção desse processo, visto como algo natural do envelhecimento, mas que se constitui num desafio, como observamos nas falas:

Ela disse que é difícil! Que não é fácil pra ela ser idoso! Pelas dificuldades, no caminhar tudo dói, mas que é um processo normal, que ela aceita, mas que não é fácil! (A-MA).

Não tô dizendo que é ruim, mas ah, isso pesa um pouco, a gente fica imaginando, como é que vai ser o dia de amanhã, o que que pode acontecer, pode ser que amanhã ou depois a gente não tá mais aí, sabe que todo o dia avança mais pro, caixão, como se diz (risos). (S-MA).

É, a pessoa depois de chegar aí num sessenta, setenta anos tu não tem mais aquela energia que nem um cara novo né, então vai ficando pra trás né, não adianta. (G-SJR).

e de tu envelhecer e depois não poder mais plantar tua horta, ter que ficar sentada ali isso é o medo que tenho de envelhecer, só isso ali que eu penso assim, eu peço a Deus que ele não me coloque em cima de uma cama! Esse é o meu medo, envelhecer e ficar dessa maneira, da gente não poder mais...a gente se criou fazendo as coisas que a gente queria, né! (S-AP).

As expressões dos idosos demonstram o processo de construção da identidade do “ser idoso”. Essa concepção é por sua vez, ambivalente, principalmente quando referida ao corpo: a aparência ‘desgastada’ e seu funcionamento, trazem consigo as dificuldades observadas nessa fase da vida que, por vezes, não estão sincronizadas com a mente que remete à uma idade mais jovem. O ato de pensar em si próprio na velhice é um duplo exercício, pois o sujeito se define como idoso em contraste com o que foi anteriormente. Do mesmo modo, a aceitação do corpo que envelhece e que constantemente sofre transformações pelo tempo, se constitui com dificuldades e plena de ambiguidades que se revelam através de um entendimento da redução da capacidade física, ao mesmo tempo em que a mente que permanece jovem; da felicidade e dores imbricadas no discurso e no viver cotidiano. Ao mesmo tempo, essas modificações exigem paciência, sabedoria da experiência e da criatividade cotidianas, para serem compreendidas. (MOTTA, 2002).

Como as representações sociais são elaboradas em um contexto e compartilhadas por um grupo social elas também acarretam que essas pessoas construam e reconstruam suas identidades. O desgaste físico que vem com o envelhecimento e a impossibilidade de continuar o trabalho no campo como antes, faz com que,

diferentemente dos relatos anteriores, o envelhecimento não seja visto com tanto otimismo assim. Em parte, essas percepções também estão relacionadas a uma representação social mais ampla, que pode ser considerada ideológica e até mesmo cultural: a de que o idoso não possui mais vitalidade para executar suas tarefas e não tem capacidade para produzir mais. Essas ideias influenciam diretamente na experiência particular e afetiva dos indivíduos. (JODELET, 2001).

Desse modo, novas representações precisam ser desenvolvidas para serem criados outros sentidos para a vida no campo. Observa-se esse processo quando os idosos procuram atividades de lazer e socialização com idosos da mesma comunidade. Assim, os conjuntos de saberes, socialmente construídos e compartilhados, que possibilitam pensar, falar e relacionar-se com os outros, vão dando novos significados às vivências dos idosos. Já que, o trabalho era essencialmente a atividade desempenhada pelos mesmos, outros valores necessitam ser construídos à medida que não é mais possível realizar essa atividade como anteriormente. Percebe-se então que é através das suas relações com outros idosos que esses novos sentidos vão sendo dados à vivência do ser idoso no meio rural. (JOVCHELOVITCH, 2008).

Sabe-se que os estudos sobre a velhice no contexto rural são escassos, devido à pouca incidência de pesquisas pontuais sobre o tema nesse espaço sociodemográfico. Esse aspecto faz com que a sociedade fique distante da realidade dos idosos no meio rural, cujo significado da velhice é uma incógnita frente a um cenário de constantes mudanças. Diante desse desconhecimento, permanece no imaginário social uma visão estereotipada acerca do que é ser idoso no campo e prevalecem concepções estigmatizadas e distantes das que vimos nessa pesquisa. Torna-se então, de extrema importância, compreender, os significados do envelhecer no meio rural, pois essas concepções apresentam aspectos bem singulares e divergentes dos sentidos atribuídos ao envelhecimento no meio urbano. Do mesmo modo, são diferentes os modelos prescritivos de uma condição exclusiva da experiência da velhice, representada por outros que não sejam os próprios idosos. Os significados atribuídos pelos protagonistas dessas vivências possuem particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas que falam de uma realidade muito particular e que está intrinsecamente relacionada ao contexto em que vivem. (ALCÂNTARA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada procurou identificar as representações sociais dos idosos no meio rural acerca de seu processo de envelhecimento nesse contexto. Em síntese, concluímos que o envelhecimento pode ser experienciado pelos participantes com prazer e com qualidade de vida. A representação social que possuem de velhice, etapa da vida em que se encontram, apresenta uma conotação positiva, como um tempo que traz coisas boas como a convivência familiar e a possibilidade de mais tempo para realizar atividades de lazer, além do trabalho. Também em relação a viver no meio rural os idosos entrevistados trazem um sentimento de pertença a esse meio, o qual possuem raízes e mantém tradições arraigadas.

Por outro lado, não vemos uma negação, desses idosos, das características que se apresentam ao chegar nesse momento da vida. A percepção de um corpo mais fragilizado e que dificulta as atividades laborais no campo, está presente, mas há uma resignificação desse processo no sentido em que, o contato com a natureza e uma maior socialização com outros idosos e parentes, compensa as dificuldades trazidas pela idade avançada.

Espera-se que o idoso, a partir de seu sentimento de identidade e representação do processo de envelhecimento, possa resignificar sua atividade no campo, tendo em vista que, a definição dessa fase de vida vista como incapacitante não é generalizada. Como observamos, os idosos do meio rural não se sentem inúteis, procuram ser ativos no meio em que vivem e ajudam suas famílias. Assim, entendemos que pesquisar

o sentido da velhice no meio rural é privilegiar, além de seus modos de vida e suas subjetividades, também a construção de suas representações em torno de um espaço de pertencimento que define a identidade do idoso nesse contexto. (ALCÂNTARA, 2016).

Apesar de o estudo ter uma amostra pequena (10 homens e 10 mulheres), como a metodologia escolhida foi a qualitativa e esta não tem por objetivo generalizar os resultados, entende-se que não houve uma desvantagem. Outrossim, acredita-se que o mesmo ao tratar de um tema interdisciplinar e multidimensional, pode dar visibilidade ao envelhecer em um contexto diferenciado, o rural, mostrando a importância de pesquisas locais e análises relacionais.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, A. Envelhecer no contexto rural: a vida depois do aposento. In: ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A.A.; GIACOMIN, K.C. (Org). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016, p. 323-342.
- ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A.A.; GIACOMIN, K.C.(Org). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.
- ARAÚJO, A. O; GUARATO, D. Z. **Envelhecimento e Saúde Mental**. In. COSTA, G.A. Atividade Física, envelhecimento e manutenção da saúde. Uberlândia: EDUFU, 2010.p.23-41.
- BALSADI, O. V. Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 155-165, Jan. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000100017>
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CORTELETTI, I. A; CASARA, M. B; HERÉDIA, V. B. M. (orgs.). **Idoso asilado: um estudo gerontológico**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- COMERLATO, E. M. B.; GUIMARÃES, I.; ALVES, E. D. Tempo de plantar e tempo de colher: as representações sociais de profissionais de saúde e idosos sobre o processo de envelhecimento. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. v.9, n.3, p.736-47, 2007. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n3/v9n3a13.htm>>. Acesso em set. 2018.
- DANIEL, F.; ANTUNES, A.; AMARAL, I. Representações sociais da velhice. **Análise Psicológica**, v.33, n.3, p.291-301, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- DANIEL, F.; SIMÕES, T.; MONTEIRO, R. Representações sociais do «Envelhecer no masculino» e do «Envelhecer no feminino». **Ex aequo**, n. 26, p. 13-26, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/258938919_Representacoes_sociais_do_Envelhecer_no_masculino_e_do_Envelhecer_no_feminino_-_Social_representations_of_male_and_female_ageing>. Acesso em: set. 2018.
- DIOGO, M. J.D.; NERI, A.L.; CACHIONI, M.; (Orgs.). **Saúde e Qualidade de Vida na velhice**. 3. ed. Campinas, SP: Alinea, 2009 (Coleção velhice e sociedade).
- FOCCHESATTO, A.; CAMBOIM ROCKETT, F.; SCHWEIGERT PERRY, I. D. Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento de doenças crônicas em população idosa rural do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 18, n. 4, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4038/403843286009/>>. Acesso em: set. 2018.
- JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.p.1-21.
- JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Tradução Pedrinho Guareschi. Coleção Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2008.

- LIMA, S.C. Promoção da saúde a partir de contextos territoriais. In: NOGUEIRA, H.; REMOALDO, P. C. A. (org.) **Desigualdades Socioterritoriais e Comportamentos em Saúde**. Edições Colibri. Lisboa. 2012. p. 31-46.
- MACIEL, R. O. **A internalização da previdência social rural na vida dos idosos em municípios pertencentes à região da AMREC**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38148>> Acesso em: set. 2018.
- MINAYO, M. C.S.; COIMBRA JR., C. E. A. Introdução: entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR., C. E. A (orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 212p. p. 11-24. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>>.
- MOTTA, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C.S.; COIMBRA JR., C. E. A (orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 212p. P. 37-49. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>>.
- MOTTA, L. B.; CALDAS, C. P.; ASSIS, M. A formação de profissionais para a atenção integral à saúde do idoso: a experiência interdisciplinar do NAI - UNATI/UERJ. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1143-1151, Ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000400010-&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em set. 2018.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre.v.22, n. 37,p.7-32, Março 1999.
- MORAIS, E.P.; RODRIGUES, R.A. P.; GERHARDT, T. E. Os idosos mais velhos no meio rural: realidade de vida e saúde de uma população do interior gaúcho. **Texto contexto - enferm**. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 374-383, junho 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000200021&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em set. 2018.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigação em psicologia social. Tradução de Pedrinho Guareschi. Coleção Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PEDREIRA, R.B. S.; ANDRADE, C.B.; BARRETO, V.G.A.; JUNIOR, E.P.P.; ROCHA, S. V. Autopercepção de saúde entre idosos residentes em áreas rurais. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.19, n.1, p. 103-119, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/28676>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- TAVARES, Darlene Mara dos Santos et al. Comparação das características sociodemográficas de saúde e qualidade de vida de idosos rurais segundo sexo. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**. v. 2, n.1, p. 32-46, 2013.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- WINCKLER, M.; BOUFLEUER, T. R.; FERRETTI, F.; DE SÁ, C. A. Idosos no meio rural: uma revisão integrativa. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 21, n. 2, p.173-194, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/60691>>. Acesso em 30 nov. 2018.